



AVANÇAR!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DE PORTUGAL

O «Humanitarismo» fascista

Em todo o mundo civilizado lavra a mais profunda indignação contra os bárbaros massacres da população pacífica da Espanha e da China.

Ergue-se a voz de protesto de políticos como Roosevelt e Chamberlain protestam contra tais deshumanidades os bispos ingleses e, enfim, todas as pessoas que ainda encerram quanto menos não seja uns lampejos de sensibilidade humana.

Mas o fascismo português aplaude; o «Diário da Manhã» de 4 de Outubro, num artigo intitulado «crónica semanal de acontecimentos internacionais», escreve, sem nenhum género de pudor, estas palavras:

«Ao pé das razões profundas que inspiram o exército nipónico ao serviço da segurança e da expansão do Império parecem bem pouca coisa os métodos de guerra praticados pelos Japoneses. Façam o que fizerem, a guerra de hoje tem um carácter totalitário que dificilmente consente distinguir entre militares e civis».

«ESTA, POIS, A GASTAR-SE DEMASIADA TINTA POR CAUSA DOS CHINESES PULVERIZADOS PELOS TORPE- DOS AÉREOS E QUE NEM SEQUER NUMERICAMENTE CONTAM NUMA MASSA DE 450 MILHÕES DE HABITANTES».

É este o «humanitarismo» dos que falam na «bárbarie bolchevista».

Portugueses, salvemos os nossos filhos do monstro fascista.

Morreu VAILLANT COUTURIER

O conhecido escritor francês Paul Vaillant Couturier, deputado comunista, membro do C.C. do Partido Comunista francês e director do grande jornal «l'Humanité», órgão do P.C.F., faleceu.

O C.C. do Partido Comunista português e com ele todo o partido sente profundamente a morte deste seu ilustre camarada que era, ao mesmo tempo, um dos mais cultos e um dos mais dedicados membros do grande Partido Comunista que é hoje, o primeiro e o mais forte Partido da França.

O C.C. do P.C.P. dirige ao seu querido camarada Maurice Thorez chefe do Partido irmão, a expressão do seu pesar pela perda sofrida e exprime-lhe a confiança que os trabalhadores portugueses depositam nos esforços empregados pelo P.C.F., em favor do triunfo da causa porque se bate o povo espanhol e os anti-fascistas de todo o mundo.

REFORCEMOS A LUTA contra a intervenção do fascismo em Espanha!

A intervenção do fascismo contra o povo espanhol está em vésperas do seu ponto culminante.

O fascismo convencido, já, pela dura experiência, que as tropas que possui em Espanha serão incapazes de enfrentar a potência sempre crescente do Exército Popular, está na disposição de concentrar no território espanhol forças verdadeiramente colossais.

Na Itália aguardam o momento de partir, se é que não partiram já, para Espanha, fortes contingentes do exército italiano e da milícia fascista.

Novos tanques, aviões, metralhadoras e submarinos são enviados da Alemanha e da Itália para continuar o monstruoso massacre das mulheres e das crianças do povo irmão.

De Portugal, continuam igualmente a seguir para as forças fascistas, todo o género de materiais de guerra e de aprovisionamento. Agora mesmo, acabam de passar em Lisboa, donde partiram para Sevilha, TRES MIL camions Studebaker e Ford.

As hordas criminosas de Franco preparam-se para empregar nas grandes ofensivas do outono, que se esperam, gases asfixiantes. É ainda Salazar que ajuda estes sinistros planos do fascismo internacional.

Tomamos agora conhecimento que uma fábrica de vidros portuguesa despachou, e continua a despachar para seguir para Badajoz, grandes quantidades de tubo de vidro.

Esses tubos de vidro destinam-se a envolver os gases lacrimogêneos e a reter gases asfixiantes com que o fascismo conta empregar a retaguarda da República espanhola.

Salazar, o assassino do povo português e o cúmplice dos assassinos do povo espanhol, completa assim, no terreno militar, o auxílio que presta aos seus patrões do estrangeiro, no campo diplomático.

Como se sabe, foi deixado à posição de Portugal na Sociedade das Nações, que o organismo de Genebra não adoptou uma resolução que podia contribuir a limitar a acção dos intervencionistas.

Mas Salazar, o grande traidor da Nação portuguesa, não se sente satisfeito. Depois de arruinar economicamente o povo português para poder prestar ajuda aos destruidores de Guernica e de Durango, Salazar, quer diminuir fisicamente o nosso povo, levando-o a defender nos campos de batalha os interesses de Hitler, de Mussolini e de Franco.

As manobras do Outono, realizadas precisamente no ponto da fronteira em que as posições da República espanhola estão mais próximas do nosso país, são a expressão simbólica dos objectivos do fascismo português.

Salazar quer apoiar com corpos do Exército português e da famigerada Legião Negra, as grandes operações que o fascismo italiano vai empreender.

Sabemos que já, na semana passada, foi dada ordem de marcha para seguir para Espanha a um forte contingente do Exército português.

Os oficiais, procedendo de maneira a merecerem a simpatia de todo o povo português e espanhol, recusaram-se a partir. Esta é a atitude digna que todo o Exército deve tomar se não quer colaborar no apunhalamento da Nação portuguesa. Mais do que isso, deve impor ao Governo fascista a cessação imediata de todo o auxílio aos intervencionistas e aos seus agentes.

Povo português, é tempo de auxiliar o povo espanhol impedindo praticamente a intervenção em Espanha.

É necessário que antes das tropas portuguesas intervirem ao lado dos fascistas, **intervenhamos nós, proletários portugueses** contra a passagem de material para os fascistas.

Que por onde passe o material para Espanha, se organize **DENTRO DO MAIOR CUIDADO e em LUTA ESTREITA** contra a **propagação, a destruição sistemática** de tudo o que possa auxiliar os assassinos dos nossos irmãos asturianos, que preferem «morrer de pé, a ser escravos toda a vida», os carrascos de Badajoz, os destruidores de Guernica, os massacradores das mulheres e das crianças de Málaga e Madrid.

As eleições para as J. de Freguesia

Começaram no passado domingo as eleições para as Juntas de Freguesia, que continuarão pelos domingos seguintes.

Como previstos, são a União Nacional e a Legião Negra, os chefes de guarda do fascismo, as únicas organizadoras das listas. Sem respeito nenhum pelas leis que eles próprios publicam, e que neste caso das eleições permitia que quaisquer cidadãos honestos, portanto fora destas organizações, pudessem confeccionar listas e apresentar-las, sem nenhum pudor, preparam-se para assaltar as juntas de freguesia, velhos baluartes das liberdades populares. Mas o povo para o fascismo não existe. O povo para ele é massa plástica onde quer que assentem todos os seus interesses, que são os interesses opostos do povo.

Salazar e os seus lacaios sabem como os trabalhadores detestam o fascismo. Eles viram, nesses comícios que o País de Sousa andou organizando, que os trabalhadores primavam pela ausência, e que quando apareciam, eram forçados pelos patrões, serventuários do fascismo e membros da Legião Negra. Mesmo assim, ouve terras em que só conseguiram encher a sala com oficiais do exército. Mesmo com a indiferença que as massas manifestaram, eles não desistiram de fazer as eleições. É que elas representam um processo dramático que lhes faz falta, mas que o povo português desmascarará.

O fascismo sabe que perde cada vez mais terreno. As massas não creem nele e a pequena burguesia, explorada e roubada em benefício dos capitalistas e dos grandes senhores das terras, vai-se afastando cada vez mais. O aumento constante de impostos, os grêmios, as federações só têm servido para explorar os pequenos proprietários, arruinando-os em proveito dos grandes. E Salazar, para retardar o desmoronamento do edifício monstruoso do fascismo que assenta no roubo, no assassinato, na fome de todo o povo explorado e na mentira, faz representar a comédia das eleições das Juntas de Freguesia, para fingir que ainda existem alguns restos das liberdades democráticas.

É para isto que o fascismo faz as eleições para fingir que satisfaz as aspirações democráticas do povo português e para mascarar o fascismo na política internacional, para que os Ferros e os Armindos possam pagar em Londres e em Paris aqueles grandes anúncios nos jornais dizendo que Portugal é um país felicíssimo e que o povo está de alma e coração com a ditadura.

NO GOVERNO CIVIL

A perseguição Salazarista aos anti-fascistas, adquire dia a dia novos requintes de malvadez, que nos faz duvidar da existência de natureza humana, nesses monstros que formam a polícia.

Não lhes chegam as torturas, as inimizades das prisões, a promiscuidade. Os presos são lançados para os calaboiços e aí abandonados da mais elementar solidariedade que se têm para com os animais. No governo Civil estão camaradas nossos sofrendo, meses sem fim, em asquerosos calaboiços, e quando algum deles adoece, a polícia não quer saber.

Um destes dias, um camarada de Sacramento, teve uma cólica tal que os camaradas julgavam que ele morria.

Pediram providências, para que aquele nosso camarada não morresse no calaboiço. Pois só ao fim de duas horas apareceu um enfermeiro que nada fez!

Os fascistas estão doidos furiosos! Prendem a torto e a direito. Até já prendem crianças!

Deram entrada há dias no Governo Civil, 6 presos de Alcântara acusados de fazerem propaganda subversiva. Pois entre esses presos iam duas crianças, uma de 12 anos e outra de 11 que, coitadas, passam os dias chorando e chamando pelas mães!

Onde o fascismo nos quer levar sabemos nós, mas o povo português tem que reagir à onda de terror que cresce continuamente!

Camaradas: Solidariedade e acção!

NA SOCIEDADE NACIONAL DE SAÚDES

O número de operários desta fábrica é de 224, sendo 188 do quadro e 36 adventícios.

Com salários de fome, perseguições, insultos dos capatazes, iam vivendo.

Mas o novo gerente entende que os salários de 5 6 8 e 10 escudos são bastantes, muito bons mesmo, por isso trata de nos tirar as poucas regalias que tínhamos. Tendo descoberto que os operários do quadro tinham umas certas regalias, tais como médico e medicamentos quando estavam doentes e o salário por inteiro, chamou os encarregados das várias secções e que recebiam ordenados que vão de 800\$00 a 4 contos e quinhentos, dizendo-lhes que à mais pequena falta que vissem cometer a um operário do quadro, o mandassem ao seu gabinete.

Chegado aí o operário, o Gerente dá-lhe uma descompustura, deitando-lhe à cara as regalias que tem e acabando por o despedir.

Depois manda chamar o encarregado e manda-o propor ao operário despedido para que continue trabalhando, mas como adventício, isto é, sem regalias nenhuma. Por este sistema, dentro de pouco tempo, se não nos sobremos defender, acabam as poucas regalias que ainda disfrutávamos.

Esta fábrica tem meses de 2500 contos de lucros, e trata desta maneira os operários que produzem toda esta riqueza!

Para que o nome não perca, e bom que se saiba que o gerente é o sr. Beirão da Veiga, filho dum dos donos do «Diário de Notícias».

FALECEU JOSÉ BORGES

José Borges, o velho militante da classe operária portuguesa, antigo Presidente do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra e membro do nosso Partido, morreu.

Com ele, o Partido Comunista perde um dos seus militantes mais dedicados e a classe operária um dos seus mais esforçados combatentes.

A vida de José Borges, é uma vida exemplar de luta pela causa do proletariado.

Durante cerca de 50 anos, José Borges ocupou um posto de honra na luta pela defesa dos interesses da classe operária.

Preso, no decurso da sua longa carreira de revolucionário, inúmeras vezes, José Borges jamais se sentiu desfalecer. O combate duro com o inimigo de classe nunca o fez esmorecer.

Quasi no fim da sua vida, com cerca de 70 anos de idade, foi preso pela última vez pelo fascismo e maltratado pela miserável polícia de Informações. Mas José Borges jamais desanimou.

Em 1933 foi levado ao Tribunal com vários outros presos, a maioria dos quais jovens. José Borges, apesar de velho, foi o único que teve ertez de fugir do Tribunal. Logo que tomou contacto com a Liberdade procurou imediatamente o Partido.

«Não foi para gosar que o velhote fugiu — dizia — foi para trabalhar»

Em 1935, foi para a União Soviética, para a Pátria acolhedora dos trabalhadores, repousar.

Foi, quasi por obediência ao Partido, porque não queria abandonar a luta.

Na U.R.S.S. passou os dias mais ditosos da sua vida, frequentando as melhores casas de repouso do Cáucaso e da Crimeia sempre honrado e respeitado por todos.

Mas José Borges não estava contente. José Borges dizia que não tinha direito a uma vida tão feliz e queria vir de novo para Portugal combater, queria vir explicar aos seus camaradas o que vira de grandioso e belo na Grande União Soviética.

Depois de ver o Socialismo na U.R.S.S., o seu segundo sonho era ver o povo português liberto. Não o conseguiu, mas os jovens a quem ele educou saberão continuar a luta pela causa porque ele tanto combatu.

José Borges foi em vida, um modelo de militante, activo, dedicado e profundamente leal ao seu Partido e à sua classe, seguir o seu exemplo e continuar a sua obra eis a melhor homenagem que todos os trabalhadores lhe podem prestar.

O C.C. do P.C.P.

Ajudem o Partido Comunista

O Partido Comunista é o partido das massas trabalhadoras e exploradas. É a organização da vanguarda de luta contra o fascismo e pela libertação do povo português!

Para que essa luta tenha resultados positivos é necessário mais do que a boa vontade e a heroicidade dos militantes. É necessário desenvolver acções de grande envergadura, que exijam não só o sacrificio dos amigos do povo espanhol e dos inimigos do fascismo, mas exigem também dinheiro para as realizar.

É que o momento é cada vez mais grave. A intervenção salazarista em Espanha e a preparação da guerra exigem de nós tarefas cada vez mais importantes.

O nosso Partido nunca recuou perante nenhum sacrificio, mas as suas possibilidades económicas são limitadas, e isso entrava a nossa actividade.

É necessário agir e agir depressa. A intervenção em Espanha intensifica-se dia a dia. É necessário evitar que Portugal continue sendo porto franco para o desembarque de metralha que irá chacinhar o povo espanhol, e que todas as nossas produções continuem às ordens de Franco.

Isto exige sacrificios de todos nós. Exige o auxilio de todos os anti-fascistas, mas sem esse sacrificio a nossa luta não estará à altura das suas necessidades, se não formos apoiados por todos os trabalhadores.

É preciso que todos os militantes, e simpatizantes, todos os nossos amigos, empreguem toda a sua acção, toda a sua boa vontade para ajudar o Partido abrindo subscrições por toda a parte, a seu favor.

Trabalhadores: Ajudem o nosso Partido para que ele possa realizar inteiramente tudo o que os trabalhadores esperam dele!

Pedi listas de subscrição.
Sobscreevei-vos!

Amigos do Partido

Amigos Orbe	35\$90
Galan	20\$00
J. P. C.	30\$00
C.U.F.	81\$00
Zeta	5\$00
Torpedo	5\$00
Ganacho	5\$00
TOTAL	181\$90

Gralha

No artigo «Mais mil e oitocentos contos...» escapou uma gralha que por poder dar motivo a falsas interpretações nos apressamos a corrigir. Onde se lê: «O povo português, desperta e arma-te...» deve ler-se: «desperta e une-te».

As «eleições»

vem da 1.ª página

É para aliviar a pessima situação que a politica salazarista nos criou no estrangeiro, onde Portugal é olhado com o mesmo odio e rancor, do que a Italia e a Alemanha.

É para isto que eles fazem as eleições.

Pois bem! Eles chamam-nos às urnas e nós iremos. Não para votar nas listas propostas pelos fascistas, mas para votar contra eles.

E para isso só há um meio: inutilizar todos os nomes propostos, riscando-os e substituindo-os pelos nomes das pessoas que na opinião do povo deviam ser os seus verdadeiros representantes.

O fascismo inutilizará essas listas, mas a inutilização de cada lista vale por si mesmo como um voto contra o fascismo.

O povo não pode ficar indiferente às manobras do fascismo. Deve manifestar-se em massa. A mobilização dos trabalhadores e de todos os chefes de família para o voto contra o fascismo deve fornecer o meio do povo manifestar o seu odio contra o regime em que vive e a sua vontade de quebrar para sempre este jugo odioso.

Chefes de família, trabalhadores, povo português, não voteis nas listas fascistas.

Mobilizai-vos todos como um só homem para votar contra os candidatos fascistas e pelos candidatos que nós mereçamos confiança.

Transformai as eleições numa vasta campanha de luta contra o fascismo.

Na exposição de Paris

continuado da página 3

fotografia mostra-nos o Jardim de S. Pedro de Alcântara, com o seu parque infantil. Uma legenda, ao lado, ensina-nos que as crianças portuguesas têm paços infantis para brincar! Uma fotografia da Maternidade, e logo a conclusão: Em Portugal a protecção à mulher grávida faz-se de uma maneira completa.

Um gráfico mostra-nos as vantagens do Estado Corporativo. Lá está: Socorro no Desemprego, Reforma aos velhos, Férias pagas! Fotografias dum Bairro Social(!) e é que tem de ser: O Estado Novo constrói casas para os operários!

E tudo assim. A mais completa MENTIRA. A mentira organizada, como lhe chamou, aqui há meses, o «Unire», jornal anti-fascista de Paris.

Ve-se uma festa no Terreiro do Paço e lá está escrito: «O povo manifesta o seu entusiasmo pelo Estado Novo».

É certamente, um pavilhão agradável de ver para quem não conheça o nosso País. Para nós, é uma bela e hipócrita justificação da miséria em que é forçado a viver todo o nosso povo.

Paris, 1 de Outubro

Nota da Redacção — Este artigo é o primeiro de uma série que um nosso camarada, obrigado pelo fascismo a viver em França, escreverá especialmente para o «Avante».

Respostas da Redacção

Um camarada faz-nos a seguinte pergunta: Que fazer em caso de mobilização contra a Espanha? Não é inútil nem inoportuna, porque se trata de esclarecer as massas anti-fascistas sobre a posição que devem tomar num problema fundamental para a vida do nosso país e para a sorte de todo o povo português.

E' preciso que, antecipadamente, todos os trabalhadores conscientes, todos os anti-fascistas estejam convencidos da tática que devem seguir para, no caso de ser decretada a mobilização e feita a guerra contra o povo espanhol, serem unânimes na sua acção.

Claro está que não devemos pensar que um «método» excelente, uma palavra de ordem justa para o momento da mobilização nos DISPENSARÃO, agora, de uma actividade contra o fascismo, contra a intervenção em Espanha e contra a preparação da guerra.

A realidade é que tanto mais eficaz terá a acção anti-fascista contra a mobilização quanto mais decidida tenha sido a actividade PREPARATORIA imediata contra essa mobilização e a luta contra o fascismo.

No caso de mobilização contra o glorioso povo espanhol — o povo português em armas só tem um DEVER a cumprir, no interesse da salvaguarda da população do país, e no da justa solidariedade com um povo que sofre o mesmo ataque à sua independência que Portugal sofreria se o fascismo vencesse em Espanha. E esse dever é o de fazer TUDO para que a política anti-nacional de guerra contra o povo espanhol se torne na causa directa do derrubamento do fascismo português.

No caso de mobilização, não tenhamos ILUSÕES. Não pensemos que se pode fazer a «greve de soldados» ou que a deserção é possível. O estado de guerra impede a realidade dessas utopias. E não é com uma deserção parcial (paralélisima, para mais) que se consegue evitar os horrores que a guerra traz ao nosso povo e o perigo que dela vem à nossa independência.

E' no próprio exército, na própria guerra que TEREMOS DE ACTUAR. Será aí que, poderemos ir preparando e sabotando os meios de guerra e organizando as condições da insurreição que esmague definitivamente o fascismo. Se chegarmos ao campo de batalha, em frente dos nossos irmãos espanhóis, então façamos tudo para EM VEZ DE OS ASSASSINARMOS ou de sermos mortos por eles, LUTARMOS EM CONJUNTO. Só assim asseguraremos que os nossos países possam viver independentes e livres das ambições imperialistas da Alemanha e Itália e para que Portugal não seja riscado do mapa da Península como pretendem: os falangistas e muito bem o revelou o célebre Ferro do S.P.N., no «Diário de Notícias».

Apontar as suas armas para o mesmo alvo para onde apontem os soldados do Exército Popular espanhol que se bate pela liberdade de todos os povos — tal deve ser o dever de todo o português se for mobilizado numa guerra contra a Espanha!

A Unificação da classe operária portuguesa

As discussões travadas, desde longos meses, entre os vários sectores proletários, em volta do problema da unidade sindical, seriam profundamente ridículas, se o assunto não fosse duma extrema gravidade.

Com efeito, sendo um dos mais impertosos objectivos da unidade sindical, a luta contra a intervenção do fascismo em Espanha e o auxílio ao glorioso povo irmão, é estranho que as organizações operárias ainda não tenham encontrado uma plataforma sobre a base da qual possam operar uma tão almejada unificação.

E tudo porque? Porque se pensa menos nas vítimas dos bombardeamentos da aviação e da artilharia fascistas, do que nos interesses mesquinhos de grupo e de seita.

Tudo porque em vez de se pensar na forma prática de organizar a luta contra a exploração capitalista, contra a barbárie fascista e contra a guerra que o fascismo internacional prepara, se pensa, primeiro, na forma de triunfar nas lutas entre camaradas pela conquista da hegemonia desta ou daquela tendência ideológica.

Tal é a ideia lamentável que se desliza das Resoluções tomadas no «Pleno da C.G.T.» que «A Batalha» N.º 11, de Setembro, publica e que, no fim, são a confirmação de toda a linha que a C.G.T. tem adoptado até aqui.

A posição da C.G.T., segundo essas resoluções, é, em substância, a seguinte:

— Só aceitaremos a unificação se vocês vierem sem condições para a C.G.T. e dispostos a abdicar das vossas tendências ideológicas. Quanto a nós, C.G.T., não abdicaremos nem uma virgula da nossa orientação que foi e continua sendo anarquista.

E' difícil crer que os camaradas da C.G.T. queiram sinceramente a unidade quando se põem num campo tão intransigente.

Nos compreendemos e achamos justíssimo que os camaradas anarquistas não queiram que a futura C.G.T. seja comunista.

Mas, não acham os camaradas que os restantes sectores do movimento operário têm, igualmente, inteira razão quando entendem que a futura C.G.T. não deve ser anarquista?

E' evidente que os camaradas anarquistas não poderiam tolerar que, por exemplo, «A Batalha», órgão da C.G.T., irrompesse em ataques furiosos contra a C.N.T. e a F.A.I.

Mas, da mesmíssima maneira, os comunistas não poderiam suportar, se estivessem na C.G.T., que «A Batalha» fosse um órgão de combate contra o Partido Comunista Espanhol, contra a Frente Popular espanhola e contra a URSS.

Por conseguinte, qual é a solução, se na realidade queremos realizar a unidade? E' tão simples o problema!

Basta que a C.G.T. se comprometa a observar a mais estrita neutralidade na questão de tendências. Basta que a C.G.T. se disponha a não atacar as várias correntes ideológicas e os partidos que lutam contra o fascismo. Basta que a C.G.T. tome o compromisso de cessar os seus ataques contra a URSS e contra o governo da República espanhola que dirige a luta do povo irmão contra o fascismo e pela liberdade dos povos.

Pois são precisamente estas condições absolutamente lógicas, que os camaradas anarquistas repudiam.

Dir-se-ia que esses camaradas pensam que a missão da C.G.T. é combater o governo de Valência, o Partido Comunista, a Frente Popular da Espanha, a URSS e tudo o que não seja anarquista.

Não, camaradas, a missão da C.G.T. não é essa.

A missão da C.G.T. é muito mais nobre e consiste, na actualidade, em:

Organizar a luta contra a ofensiva do Capital e pela defesa dos interesses dos trabalhadores;

Combater por todos os meios o fascismo;

Mobilizar as vastas massas contra a guerra;

Por em prática os meios de acção que mais eficazmente possam impedir o auxilio do fascismo português a Franco e C.ª.

Organizar a solidariedade em favor do povo espanhol e chinês.

Esta é que deve ser a missão da C.G.T., no momento presente, e para isto é que é necessária a unificação da classe operária.

Quanto à propaganda do anarquismo ou do comunismo, que se encarreguem disso as organizações puramente anarquistas e o Partido Comunista.

E no que se refere aos ataques contra o governo espanhol e contra a URSS, que se encarregue disso o fascismo que é a única entidade a quem tal luta diz respeito e interessa.

Contudo, apesar da sua intransigência no que respeita ao problema da unidade, apesar de continuar, por intermédio de «A Batalha» lançando contra a URSS infamíssimas calúnias tais como a de apresentar a União Soviética como responsável da morte de Durruti (que, como se sabe, estava, pelos seus actos, mais perto do comunismo do que do anarquismo); contudo, apesar de continuar a atacar o governo da República espanhola e de manter a sua posição sectária: vê-se na C.G.T. um elemento positivo quando ela afirma estar disposta a manter com as correntes políticas anti-fascistas, o «princípio de ligações» e a participar numa «Comissão de Delegados», composta por representantes da C.G.T., C.I.S. e autónomos.

A C.I.S., em nota publicada no N.º 35 do nosso jornal, manifestou já a sua concordância a respeito desta iniciativa. Os autó-

Na exposição de Paris

Muito se tem escrito em Portugal sobre a Exposição de Paris! Primeiro, a Exposição não abria, não se fazia, os operários franceses eram uns ociosos, só queriam greves, eram comunistas.

A França da Frente Popular só conduzia a estes resultados. Mas a exposição abriu, os pavilhões foram sendo inaugurados, e perante a maravilha criada, o disco mudou, as rãs do pantano foram coaxar para outro lado porque o lodo secou. «A exposição não ia ninguém. Era um desastre. Tanto dinheiro gasto, para quê? Nem nacionais nem estrangeiros iam à Exposição. Contudo, por inúmeras portas, entrava e sala um rio de gente. Nunca menos de cento e cinquenta mil pessoas por dia e as segundas-feiras, o dia popular, o número de visitantes vai acima de TREZENTOS E CINCOENTA MIL!»

Muito pouca gente! A França é inimiga, como se vê da sua exposição! Depois, o disco da Exposição deserta quebrou-se e foi-se bucar ao arquivo o disco de sempre, o disco dos grandes dias. A Exposição demonstrava uma grande coisa, uma só grande coisa: a importância, o valor dos estados fascistas. O pavilhão português era a maravilha da Exposição. O próprio jornal comunista «Vie Ouvrière» reconheceu. O pavilhão da Alemanha era um assombro. A U.R.S.S. ficara esmagada. Fora, o seu pavilhão tinha um ar agressivo, mau e lá dentro era um amontoado de cousas tendenciosas e sem gosto.

Vejamos mais de perto as cousas e comecemos por falar do Pavilhão de Portugal. Extermamente, não é feliz, com «incrustações» de estátuas históricas e tudo. Interiormente, o caso muda. Tirando a entrada em que a estátua fria do ditador cria um ambiente sinistro; as outras salas estão arranjadas com muito bom gosto.

Não são, evidentemente, a maravilha da Exposição, mas os olhos ficam bem com a disposição, com a montagem, com os gráficos, os mostruários e as fotografias.

Aproximemo-nos, porém. Não encantamos só os olhos, mas compreendamos a intenção, interpretemos os gráficos e observemos as fotografias. Procuremos ver o que é a «Exposição» de Portugal em Paris. E depararemos com a mais descarada, com a mais afrentosa mentira. Uma

continua na página 2

mos aceita-lo-ão também, cremos. Resta pô-la em prática, de facto, e agir.

Por nossa parte, sentíamos a máxima satisfação em estabelecer ligações com a C.G.T. e com os camaradas anarquistas em vistas à realização duma actividade concreta que redunde em benefício da luta anti-fascista e do movimento de apoio ao heróico povo espanhol e ao povo chinês que, combatendo contra o fascismo, lutam pela liberdade de todos os povos!

Trabalhadores de todas as tendências: da nossa desunião só o fascismo beneficia. Unamo-nos e esmagamos a praga maldita do fascismo, que oprime o nosso povo e o quer levar à guerra, será para sempre esmagado.

SEMANA INTERNACIONAL

A tão esperada resposta italiana à nota franco-britânica, foi, finalmente, entregue no dia 9 p.p. aos governos francês e inglês.

Mussolini, como era de prever, respondeu com um «a» categorico, ao conv. te feito à Itália para a realização duma Conferência das 3 potências, que tinha por objecto encucar o problema da retirada dos «voluntários» da Espanha.

O conteúdo da nota italiana é constituído por 2 pontos essenciais:

1.º—O problema da retirada dos voluntários deve ser analisado no Comité de Londres (o que significa adiar para sempre a resolução do problema, por meio de discussões internacionais, isto é, ganhar tempo para que a artilharia e a aviação fassas possam, impunemente, continuar a bombardear os bairros populares de Madrid, a destruir novas cidades, como a de Cangas de Oniz, recentemente reduzida a escombros pelas tropas italianas).

2.º—A Itália não participa em nenhuma conferência em que não esteja representada a Alemanha. Mussolini não se limitou a dizer «ne». Disse não mas duma forma seca e desabrida, como até então as diplomacias francesa e inglesa não tinham ouvido da parte da Itália.

Aproveitando o estímulo dado pelo discurso de Roosevelt, a França e a Inglaterra poderiam ter respondido como convinha à Itália.

Mas não, preferiram entrar em novos recuos, tudo levando a crer que aceitarão que o problema seja arrastado novamente no Comité de Londres, de triste memória.

O resultado desta política de concordância, sente-o a França ao ver os seus aliados separarem-se dela. E' o que acaba de acontecer com a Bélgica, que deu mais um passo em direcção a Berlim como «prova» a recente troca de notas entre Bruxelas e Berlim, a propósito da «inviolabilidade» da Bélgica.

E' certo que a renovação do pacto franco-iugoslavo de amizade e conciliação, reforça a posição da França e, em geral, da frente da Paz.

Mas essa posição não a poderá manter a França—se não inaugurar uma política firme ante a insolência dos países fascistas.

As eleições cantonais da França, são um acontecimento politico que interessa vivamente o mundo. Os resultados finais só no Domingo serão conhecidos.

Uma certeza, porém, existe: a Frente Popular, marca um novo e importante avanço, relativamente à coligação das direitas.

O grande Partido Comunista francês, criador e animador da Frente Popular, vê, assim, triunfar a sua política, que é a política do Pão, da Paz e da Liberdade.

PRO' CAMARADAS DE SACAVEM

Transporte 3.090\$55
De várias listas 178\$00
A Transportar 3.268\$55

Fase actual da guerra de Espanha no interior e no exterior

O estado actual da guerra de Espanha é de relativa quietação, se exceptuarmos a parte do Norte em que os heroicos mineiros asturianos têm de suportar, absolutamente isolados, o choque de dezenas de milhares de soldados italianos e mouros armados do melhor material e providos de grande quantidade de aviação e artilharia. Nas outras frentes, continuam os bombardeamentos a toda a para desmoralizar os combatentes republicanos e para chacinhar as suas famílias, continuam os ataques assassinos mas não há notícia de grande ofensiva por enquanto. Tudo leva a crer que os fascistas alemães e italianos preparam uma grande ofensiva, possível antes de começar o inverno, e de que esperam grandes resultados. Simultaneamente, os italianos afinam as suas forças aéreas, preparando, assim, a colaboração da sua poderosa aviação nesse grande ataque à República Espanhola, e verificando, praticamente qual a grande eficácia dessa base aérea para futuras grandes acções, no Mediterrâneo, contra a França e a Inglaterra.

Ao mesmo tempo que preparam o grande ataque à Espanha e a posse definitiva das Baleares para a sua futura utilização na guerra mundial, os italianos organizam o ataque ao Norte de África francês, pela concentração de tropas na Líbia que lhe fica ligada, e donde pensam cortar à França toda a possibilidade de mobilizar os seus exércitos africanos.

Perante esta acção ameaçadora que põe na ponta da Itália todo o Mediterrâneo, a França e a Inglaterra começam a tratar de medidas que definitivamente, impeçam a política de agressão fascista.

Porém, toda a acção francesa esbarra nas manobras da política da Inglaterra cujo capitalismo tem largos entendimentos com o fascismo alemão.

Volta a falar-se da intervenção e da não intervenção, quando se devia falar apenas no restabelecimento de relações comerciais com um país livre e um Governo legal. Por isso, como vê que a possibilidade de o fornecimento de armas ao Governo espanhol vem dar um golpe MORTAL NAS SUAS AMBICÕES imperialistas, o fascismo italiano ameaça com a «chantage» da guerra todas as tentativas de restabelecer a normalidade comercial.

Já todos os sectores da política francesa começam a ver os frutos da política anti-nacional da «não-intervenção». Porém, o fascismo politico dos partidos da direita impede-os ainda, de verem qual o método a seguir.

Entretanto, em Espanha deram-

se ACONTECIMENTOS POLITICOS cuja importância nos destina da guerra é grande.

Assim, reuniu-se o parlamento em que os vários sectores antifascistas apoiaram a politica governamental e em que a «camara» da Passiónaria lançou um apelo à C.N.T. para a união de todas as forças anti-fascistas e para a PARTICIPAÇÃO DA C.N.T. no GOVERNO.

«Todos conhecem o poder da C.N.T.», disse Passiónaria e para obter a victoria é preciso a UNIAO DE TODOS para a FRENTA UNICA dos trabalhadores, fazendo a abstracção das PAIXOES PESSOAIS.

A politica de desunião provocada pelo extremismo despedido de Largo Caballero seguir-se-á uma politica larga de colaboração com o governo, que fará tudo para a união do proletariado espanhol num só feto, o de servir a causa da libertação nacional e nunca a de subordinar a aos despoitados incoitados de uma vaidade ferida. Dessa politica que empregará todos os esforços para chamar a C.N.T. à unidade proletária e ao apoio firme à acção governativa, grandes resultados se deverão esperar porque hoje, mais que nunca, como disse a nossa querida camarada Passiónaria, «para ganhar a guerra, é preciso activar a produção do material necessarios». E não é com tentativas apressadas de socialização e com a falsa colectivização imposta aos camponeses que isso se conseguirá.

A prática desfez todos esses sonhos tão ruinosos e, da boa vontade e união das duas grandes centrais sindicais caminhar-se-á, definitivamente, para uma politica justa de produção indispensavel à victoria.

Outro grande facto de notavel significação politica será a próxima transferencia dos ministerios mais importantes para Barcelona.

Os jornais fascistas falam de fuga como já falam, quando da ida do governo para Valencia. Esquecem que foi daí que se dirigiu a heroica defesa de Madrid, as grandes offensivas de Guadalajara, de Brunete e de Aragão. Esquecem que é impossível governar uma cidade que está a ser bombardeada constantemente.

Esquecem, principalmente, que Barcelona é o coração industrial da Espanha e que é da industria que depende sobretudo a victoria.

Nenhum dos latidos dos cães timidos do fascismo em nada diminuirá a acção do governo que criará as condições da victoria final no aproveitamento completo do formidável potencial de Catalunha

Da Espanha Livre

A reconstituição da U.G.T.

Como noutro lugar nos referimos, a potente organização sindical do proletariado espanhol, U.G.T., procedeu à reconstituição dos seus órgãos dirigentes e tomou importantes decisões quanto à sua orientação em relação ao governo da Frente Popular e em relação à C.N.T.

Estas decisões foram tomadas por 29 dos 42 sindicatos da UGT. Naquelle número estavam compreendidos os 14 sindicatos que a Comissão Executiva, presidida por Largo Caballero, expulsara por estes sindicatos discordarem da politica falsa seguida ultimamente pelo antigo Presidente do Ministerio.

As resoluções tomadas na referida reunião, são as seguintes:

1.º—Considerar que «o que fora tidos como Comissão Executiva da UGT» não tinha o direito de proceder a expulsão de certas federações;

2.º—Anular a expulsão das 14 federações em questão;

3.º—Nomear uma nova Comissão Executiva que foi constituída pelos seguintes camaradas: Presidente, Ramon Gonzalez Peña (Presidente da minoria parlamentar socialista); vice-presidente, Edmundo Dominguez; secretário geral, Rodriguez Vera.

4.º—Reiterar ao governo de Negrin o incondicional apoio da U.G.T.

A reunião enviou à C.N.T. saudações.

Para mais completo esclarecimento, damos as principais passagens dum manifesto que fora publicado com a assinatura dos 29 sindicatos referidos:

Nos queremos ganhar a guerra. Dirigimo-nos ao proletariado. Os residuos do C.E. da UGT querem opor-se à reunião do comité nacional.

Numa reunião efectuada no fim do mês de Maio de 1937 (isto é, logo após a constituição do ministerio Negrin), o comité nacional da UGT desaprovou a attitude do comité executivo e ofereceu o seu apoio sem condições ao governo. Ao mesmo tempo, foi decidido reatar as relações tradicionais com os socialistas e manter relações cordiaes com o partido comunista, bem como com a C.N.T. Enfim, o comité nacional pediu ao governo que agisse de maneira a fazer cessar as expropriações ilegais.

Por ocasião desta mesma reunião, foi decidido que uma assembleia plenária da UGT se reunisse logo a seguir ao regresso de Paris e Ginebra dos delegados do Executivo, para examinar as relações que conviria estabelecer com a C.N.T.

Sem ter em conta este acordo, o Executivo tomou a iniciativa de um pacto de não-agressão com a C.N.T.

O Pacto a que se refere o manifesto provocou o descontentamento dos trabalhadores, porque se limita a estabelecer que a C.N.T. e a UGT não se devem atacar mutuamente em vez de estabelecer quais as medidas praticas a tomar por ambas as organizações para reforçar a luta contra o invasor fascista.

Detenhamos o braço assassino do fascismo!

Augusto de Almeida Martins, membro do P. C., assassinado em 24 p.p., pela miserável policia da inform. por se recusar a prestar declarações ao inimigo do povo Português, é um herói da luta de classes que deve ser honrado por todos os seus irmãos de sofrimento.

O povo português deve unir-se e impedir que o fascismo faça ver mais sangue proletário.

Trabalhadores, vingamos Augusto de Almeida Martins